

Resistência docente à educação a distância (EaD): análise de trajetórias em busca de novas epistemologias

Resistance teaching distance education (DE): trajectories analysis for new epistemologies

Resistencia a la enseñanza de educación a distancia (DE): análisis de trayectorias para las nuevas epistemologias

Maria Aparecida da Silva¹
Lucineide Alvez Costa²
Fabiana Pinto de Almeida Bizarria³

Resumo: O estudo objetiva compreender processos de resistência docente em relação a EaD. Para tanto, realizou-se pesquisa fundamentada na metodologia história de vida, na perspectiva da abordagem qualitativa, com suporte na análise de entrevistas com docentes de uma Instituição de Ensino Superior (IES), pública e federal, localizada no estado do Ceará. Os dados foram analisados com referência nas categorias história de vida, vida profissional, domínio das TIC, EaD no ensino superior, ensino-aprendizagem e envolvimento com a EaD. O estudo sugere a existência de novas elaborações em torno da relação docência-ensino-aprendizagem, suscitadas pelas experiências na EaD, e que convergem para discussões em torno de mudanças na identidade docente. A análise dos entrevistados proporciona uma reflexão sobre o tema e, assim, outros estudos podem aprofundar a discussão de forma a contribuir com um novo discurso docente de forma que impacte a formação de professores com vistas a instituir novos processos de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Docentes. Educação a distância. Resistência. Epistemologias

Abstract: *The study aims to understand teaching processes of resistance to DE. For this, research was carried out based on the life story methodology from the perspective of qualitative approach, supporting the analysis of interviews with teachers of a higher education institution (HEI), public and federal, located in the state of Ceará. Data were analyzed with reference in the categories story of life, professional life, the field of ICT, distance learning in higher education, teaching and learning and involvement with distance education. The study suggests the existence of new elaborations on the relationship teaching-teaching-learning raised by the*

¹ Vinculada a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), onde atua na Área de Gestão Pública, e Educação a Distância. Doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000). *E-mail:* mapasilva@unilab.edu.br.

² Graduanda do Curso de Administração Pública ofertado pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) desde o ano de 2011 com previsão para término em 2015. Integrante do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) na UNILAB. *E-mail:* lucineidealvescosta@hotmail.com.

³ Doutorado em Administração (em andamento) - Universidade de Fortaleza (Unifor). Mestrado Acadêmico em Administração (Unifor), Especialização em Saúde Pública (Universidade Estadual do Ceará) e Graduação em Psicologia (Universidade Federal do Ceará). *E-mail:* bianapsq@hotmail.com

experiences in distance education, and converging to discussions about changes in the teaching identity. The number of respondents provides a reflection goes up the subject without further generalization and, thus, other studies can deepen the discussion in order to contribute to a new teaching speech so that impact teacher training with a view to establishing new teaching-learning processes.

Keywords: Teachers. Distance education. Resistance. Epistemologies

Resumen: *El estudio tiene como objetivo comprender los procesos de enseñanza de la resistencia en relación con la educación a distancia. Por lo tanto, se llevó a cabo la investigación sobre la base de la metodología de historia de vida, la perspectiva del enfoque cualitativo, se basa el análisis de entrevistas con profesores de una institución de educación superior (IES), pública y federal, situado en el estado de Ceará. Los datos se analizaron con referencia en la historia de las categorías de la vida, la vida profesional, el campo de las TIC, el aprendizaje a distancia en la educación superior, la enseñanza y el aprendizaje y la participación en la educación a distancia. El estudio sugiere la existencia de nuevas elaboraciones sobre la relación enseñanza-aprendizaje-enseñanza, planteadas por las experiencias en la educación a distancia, y convergen a las discusiones sobre los cambios en la identidad del maestro. El análisis de los encuestados ofrece una reflexión sobre el tema y por lo tanto más estudios puede profundizar en la discusión con el fin de contribuir a un nuevo discurso de enseñanza para que el impacto de la formación de los profesores con el fin de proporcionar nuevos procesos de enseñanza-aprendizaje.*

Palabras clave: *maestros. Educación a distancia. Resistencia. epistemologías*

Introdução

A Educação a Distância (EaD) vem se consolidando no contexto educacional como forma de democratização do ensino, fazendo com que as oportunidades de formação acadêmica e profissional sejam ampliadas (FREITAS; FRANCO, 2014). Sua expansão tem exigido novos perfis profissionais, o que repercute em novos modos de “ser” e “fazer” docente, que transitam na perspectiva de novas habilidades, conhecimentos e atitudes diante no conhecimento mediado pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) (ROPOLI; AMORIM, 2008). Essas novas exigências condicionam um processo de estranhamento do “fazer” docente, considerando um contexto diverso do ensino tradicional presencial, onde há domínio do conhecimento e da experiência agregada no processo formativo dos docentes (RAPOLI, 2008).

Considera-se que um sistema de EaD possui características diferentes ou, as vezes, mais complexas, do que um sistema tradicional presencial, visto que exige não só planejamento das aulas e preparação do material didático. Há necessidade de integração de “multimeios”, o que requer uma rede de profissionais para constituição, construção e alimentação de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) (FREEMAN, 2003; PRETI, 2009).

A constatação das mudanças proporcionadas pela EaD em relação a educação presencial veicula posições antagônicas sobre a postura docente e seu papel no processo de

ensino-aprendizagem. Por um lado, aposta-se em um processo único, que pode se revestir de variadas formas de intervenção, como a proporcionada pelo uso de tecnologias. Por outro, argumenta-se em favor de práticas distintas e que sugere reflexões em torno de um novo processo de aprendizagem, onde o conhecimento produzido é, também, produto de uma nova configuração de ensino (FREEMAN, 2003). Nesse sentido, percebe-se que “[...] a EaD significa mudanças mais profundas nas relações sociais estabelecidas no interior da escola e representa, [...] novos papéis para o professor e, por que não, a constituição de um novo docente, [...]” (ARRUDA; FREITAS, 2012, p. 17).

Para além das distintas posições sobre o assunto, a EaD mobiliza uma reflexão sobre o “fazer” e o “ser” docente, na perspectiva de provocar inquietações sobre as concepções estabelecidas, o que favorece a experiência da resistência. Esta, como forma de reagir a um novo domínio, pode se manifestar de formas variadas e com diferentes níveis de repercussão. Dessa forma, reporta-se para o movimento necessário e característico de uma mudança paradigmática percebida em diferentes contextos pela prosperidade do conhecimento tecnológico (FREITAS, 2013). Assim, as mudanças paradigmáticas não são de fácil operacionalização, “entretanto, já se percebe entre os docentes a existência de uma sensibilidade para a percepção sobre o paradigma que surge e isso os leva a [...] fazer melhor o que antes já se acreditava fazer tão bem [...]” (FREITAS, 2013, p. 201).

Porém, a problemática da resistência docente a EaD pode representar diferentes dificuldades para o sistema EaD, seja no processo do ensino em si, ou na própria concepção da EaD, significativa para sua institucionalização e possibilidades de maior aderência e adesão por parte dos atores envolvidos. Neste sentido, objetiva-se compreender os motivos que levam os docentes a resistirem a EaD, e a repercussão dessas resistências no “fazer” docente.

Construções Identitárias e formação profissional: novos perfis, novos desafios.

Com todas as transições visualizadas no contexto educacional nos últimos anos, especialmente com a consolidação da EAD, a profissão docente tornou-se um desafio, haja vista, principalmente, o contexto das diversificadas inovações tecnológicas (SILVA, 2009).

O gerenciamento das mudanças diante dessas inovações, em geral, torna-se um requisito relevante quando o objetivo é que todos os envolvidos consigam se adaptar às mesmas da melhor maneira possível (ROPOLI; AMORIM, 2008). Da mesma forma, as

instituições educacionais que aderem a modalidade da EaD precisam gerenciar os possíveis conflitos vindouros das resistências dos profissionais nela engajados. Além disso, “em função do aumento da oferta de cursos à distância, também passa a ser uma necessidade crescente melhorar as estratégias de Planejamento e de Gestão dos cursos de EAD.” (RISSI et al., 2012, p. 1).

O preparo institucional antecipado faz com que as ações possam ser planejadas tendo em vista a análise dos fatores ambientais que cercarão a modalidade ao ser implantada. Nesse sentido, “para que a universidade possa inserir um sistema de EaD na sua vida organizacional, é necessário considerar que mudanças precisam ser realizadas, desde o ponto de vista de organização da oferta, até a constituição de equipe para o desenvolvimento de atividades específicas [...]” (BIZARRIA, 2014, p. 32).

Com a implantação da educação a distância nas universidades e, conseqüentemente, a introdução de suas ferramentas, as práticas institucionais existentes também sofrem mudanças, principalmente aquelas realizadas pelos docentes. Então, afere-se que o docente deve estar apto para receber novas mudanças no percurso de carreira como profissional, que subsidia a constituição da sua subjetividade docente para a formação da identidade profissional. Nesse sentido, a identidade se relaciona com as representações de importantes aspectos da função docente, formadas por valores e objetivos subjacentes à prática cotidiana e fatores contextuais, especialmente, a valorização do papel social conferido ao professor (SILVA, 2009).

Constata-se que mudanças no contexto educacional como, por exemplo, o aumento das exigências aos professores, desenvolvimento de fontes de informação, domínio com as tecnologias, impactam a vida profissional dos docentes (SACRISTÁN, 1995). Percebe-se, assim, que há um reinício da carreira docente com referência na necessidade de aprender uma nova pedagogia, diferente daquela a qual já está acostumado a lidar ao atuar na educação presencial. Dessa forma, o “[...] professor que se encontra na fase de estabilização ou diversificação na modalidade presencial sofre um “choque de realidade” e passa por um segundo momento de aprendizagem da docência, pois é como se ele recomeçasse sua carreira [...]” (BRITO; MILL, 2013, p. 197).

Ressalta-se que para instituir a modalidade de EaD é relevante observar a organização dos profissionais que irão atuar nela, tendo em vista que “o trabalho na EaD exige uma equipe multidisciplinar, com diferentes competências: docentes especializados

nas áreas do curso, coordenadores, técnicos especializados, designer instrucionais, designers gráficos, monitores, revisores e tutores.” (RISSI et al., 2012, p. 5).

Nesse sentido, algumas soluções são indicadas para que as instituições amenizem os conflitos gerados quando os profissionais apresentam dificuldades para se adaptar às mudanças com essa nova modalidade de ensino, por exemplo, programas de formação de professores (em essencial no uso das TIC's), caracterização de um Centro de EaD, desenvolvimento de *softwares* que facilitem a publicação de materiais, estímulo ao uso de novas metodologias educacionais, fortalecendo estratégias para o planejamento e a supervisão dos cursos na modalidade de EaD.

Dois obstáculos são mencionados diante da implantação de um sistema de EaD: a resistência e o preconceito que se propagam em níveis individual e social, que simbolizam múltiplas dificuldades, desde a adesão de profissionais, como a resistência do mercado de trabalho em relação a qualidade da formação fornecida (CONCEIÇÃO; SILVA; EUZÉBIO 2011).

No que tange à resistência dos docentes à EaD, constata-se que o tema é revestido de complexidade inerente ao impacto das vivências produtoras de atitudes de resistências e, também, a influência dessas experiências na formação da identidade profissional (SILVA, 2009). Dessa forma, advoga-se que o envolvimento dos professores com a EaD pode gerar mudanças na sua identidade, ou seja, suas crenças adquiridas e preservadas desde sua atuação na educação presencial podem ser transformadas. Esse processo pode gerar uma “crise de identidade” e, suas consequências podem favorecer processos de estranhamento, tendo em vista que o “ser” docente não atende mais a função requerida. Nesse cenário, elaboram-se formas de reagir a situação de “não” domínio, que caracteriza o profissional que não aceita a condição de aprendiz de um novo processo e se abstém da inserção no mundo EaD.

Assim, surgem os seguintes questionamentos: será que estou perdendo meu valor profissional frente a utilização das máquinas? Minha profissão docente terá alguma valorização no ensino a distância tanto como no ensino presencial? Que importância a EaD agrega à sociedade? (SILVA, 2009). Nesse sentido, considera-se que é “justamente pela cultura hegemônica da formação clássica escolar – que é presencial –, a educação a distância é ainda muito criticada e, às vezes, mal interpretada.” (MACEDO; PIMENTEL; ANJOS, 2013, p. 282). Então, a cultura, identidade profissional e o reconhecimento social são três aspectos que podem influenciar experiências de resistência dos docentes à EaD.

As questões apresentadas elucidam comportamentos de recusa e despertam reflexões em torno das dificuldades institucionais para consolidar a EaD no âmbito das organizações educacionais. Ao mesmo tempo, a ânsia pelo domínio das competências requeridas pela modalidade pode atrapalhar o processo de apropriação das ferramentas e das concepções inerentes ao sistema EaD, como demonstrado no quadro 1 (ROPOLI; AMORIM, 2008).

Quadro 1. Representação comparativa das resistências dos docentes na EaD

Resistência dos docentes na modalidade de Educação a Distância	
Comportamento	O que ocorre?
Receio/Medo	O medo gera a resistência dos professores quando estes estão vivenciando o processo de mudanças que envolvem o uso da EaD.
	Alguns itens da EaD possuem certo custo, o que justifica o receio dos docentes em relação à perda econômica.
Excesso de empolgação/Fascinação dos professores e administradores.	Existência da crença de que a EaD não dá trabalho por se tratar de um processo que, uma vez definido, não necessita mais da atenção do docente: o processo caminha por si só
	O docente baseia o curso totalmente no material de apoio deixando os alunos a mercê de sua sorte e, geralmente, atribuindo o fracasso à falta de habilidade do aluno, e não à falta de mediação do docente.

Fonte: Adaptado de Ropoli e Amorim (2008)

Nenhuma das posições apresentadas no quadro 1 traria bom desempenho ao processo da EaD. É preciso ter uma posição adequada à mesma. Nesse sentido, “refletir sobre inovações tecnológicas e sua relação direta com as inovações pedagógicas requer compreensão do contexto social e do estágio de desenvolvimento tecnológico” (MILL, 2010, p. 44).

A EaD e as novas epistemologias do “fazer” docente

A mudança de paradigma do docente diante da EaD instaura a problematização sobre a virtualização do processo de ensino-aprendizagem e a condução desse processo mediado pelas TICs. Nesse sentido, questiona-se “se a aprendizagem decorre de processos reflexivos e dialógicos e traduzem os movimentos existentes no processo educacional, qual será o papel do educador nesse contexto?” (MORAES, 1997, p.151).

O fenômeno em tela, situa um docente que colabora com diferentes diálogos, estabelecendo pontes entre material didático, a experiência da virtualidade e conhecimento adquirido, mas de forma dialética, em que o que ensina, aprende ensinando e o que

aprende ensina na experiência de aprender (FREIRE, 1996).

O que se institui como mudança de paradigma é a posição do docente como um ser incompleto e sem o “domínio” do conhecimento. Essa condição impõe ao professor o lugar de estudante e, assim, sendo, a vivência de ser professor e aluno em processos contínuos e ativos de aprendizagem. Essa nova concepção docente atende a perspectiva de que a modernidade exige mudanças, adaptações, atualização e aperfeiçoamento (BRZEZINSKI, 1997).

Além da nova posição de aprendente, novos paradigmas suscitam reflexões em torno de novas políticas no âmbito da EaD e, em determinado ponto, colocam que a concretização dos aspectos técnicos e legais referentes à essa modalidade contribuem no atendimento emergente de cursos de graduação, pós-graduação e extensão na EaD no Brasil (ALVES; NOVA, 2003).

Surge, então, a necessidade de ampliação do conceito de EaD, em que contemple novos paradigmas de ensino-aprendizagem, em especial, a nova condição do “fazer” e do “ser” docente. Percebe-se que “a EaD, como toda proposta em constituição, carece de uma definição precisa; são inúmeras as definições vigentes, algumas privilegiam os recursos de mediação; outras as formas de relação; a flexibilização espaço-temporal” (LANCILLOTTI, 2008, p. 275). A propagação de um conceito mais amplo possibilitaria a construção de um “lugar” menos aversivo para a EaD, onde os atores consigam dialogar sobre seus papéis, suas possibilidades e seus limites.

A abertura de novos paradigmas que incluam uma discussão sobre o “lugar” do docente na EaD e o “lugar” da EaD no cenário das políticas de educação suscitam as questões: um processo educacional pode ser bem-sucedido a distância? Ou melhor, o ensino oferecido a distância tem a mesma qualidade e reconhecimento que a educação presencial? (RIPA, 2012). Como resposta, pode-se considerar que “a Educação a Distância no Brasil apresenta-se em um cenário de emergência com cursos de formação superior que visam atender as demandas do ensino convencional e a democratização do acesso ao ensino.” (LOPES; SILVA; SOPCHAKI, 2012, p. 2).

Metodologia de pesquisa

Realizou-se pesquisa exploratória fundamentada na metodologia qualitativa, buscando análise das resistências docentes a EaD como uma sequência de eventos, que

descreve como as resistências foram se desenvolvendo ao longo do tempo. Essas questões envolvem o pesquisador como um “observador no mundo” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17), de modo a dar sentido aos “significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos”. (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

Flick (2009, p. 16) define pesquisa qualitativa como uma metodologia que “está interessada nas perspectivas dos participantes em estudo, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano relativo à questão em estudo”. Revela-se como “uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social” (RICHARDSON, 1999, p. 79).

Outro aspecto da metodologia escolhida para esta pesquisa está no “sentido construído que [...] está na experiência de vida das pessoas [...] mediado pelos pensamentos do investigador e suas percepções” (MERRIAN, 1998, p. 6). Além disso, a pesquisa qualitativa traz como ponto forte “a capacidade para estudar fenômenos simplesmente indisponíveis em qualquer lugar”. (SILVERMAN, 2009, p.51).

A fonte da coleta de dados foi uma organização de ensino superior no Estado do Ceará que oferta cursos à distância. Os sujeitos de estudo foram 4 professores que possuem doutorado e possuem cargos efetivos da Universidade investigada. Além de docentes, os professores entrevistados exercem cargos de gestão e estão na instituição há mais de 1 ano, considerando o mês de agosto de 2015 de realização da pesquisa e atuam na EaD.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista presencial. O roteiro de entrevista utilizado foi o semiestruturado, considerando o objetivo de obter informações em profundidade e que se alinha à perspectiva da entrevista qualitativa. A entrevista utilizando um roteiro semiestruturado buscou atender às recomendações de que “o entrevistador não deve aceitar nada como se fosse pacífico, [...] ele deve sondar cuidadosamente mais detalhes [...] e compreender os mundos da vida dentro do grupo de entrevistados” (BAUER; GASKELL, 2002, p. 71).

Os procedimentos para análise de dados compreenderam, inicialmente, categorias de análise construídas com suporte na literatura referenciada e que guiou a construção do roteiro de entrevista (Figura 1). Em seguida, empreendeu-se a análise por meio do método de história de vida.

Figura. Categorias de análise



Fonte: Próprios autores (2015)

O método da história de vida utilizado em diversas pesquisas qualitativas consiste na compreensão de como as características do entrevistado impactam na sua atuação. Este método adequa-se à pesquisa não-estruturada onde se tem a liberdade para contar sua história de vida. Compreende-se por história de vida uma técnica de pesquisa que objetiva, com suporte em relatos pessoais, apreender uma fração da realidade que perpassa o cotidiano dos sujeitos entrevistados, considerando-se que a esta são impressos elementos tanto individuais quanto sociais característicos de suas vidas. Assim, o método “[...] se coloca justamente no ponto no qual se cruzam vida individual e contexto social.” (PAULILO, 1999, p. 141).

Resultados e discussão

Os resultados e a análise estão representados a seguir, com referência nas categorias elencadas para a compreensão do tema “resistência docente a EaD” por parte dos sujeitos da investigação.

1) História de vida

O contexto de vida dos entrevistados indica uma realidade presente anteriormente a instituição de políticas públicas de incentivo a expansão das instituições de ensino superior no Brasil, e, conseqüentemente, ampliação do número de vagas. Dessa forma, as possibilidades de concorrer a vagas no ensino superior público estava atrelado a uma boa

formação de base, em geral, em instituições privadas, especializadas no ensino focado nos concursos vestibulares.

II) Vida profissional

No que tange a escolha profissional, em geral, os entrevistados discorrem que a decisão partiu do anseio por um maior envolvimento com projetos de pesquisa, programas de educação, motivação vinda pela observação do trabalho dos professores, identificação com a área, acompanhamento de atividades de ensino e interesse em impactar de forma positiva a educação brasileira.

Além da experiência docente, ressalta-se que os entrevistados possuem vivências de gestão. Os relatos indicam dificuldades relacionadas à vida profissional, considerando que há pouca valorização social e diferenças salariais em relação a outros cargos na administração pública federal e que não há requisito de títulos adicionais, como o mestrado e o doutorado. Embora apontem desvantagens, afirmam que estes aspectos não influenciam em sua atuação, devido estarem encorajados a contribuir com a educação, objetivando proporcionar o ensino e a aprendizagem aos estudantes de forma geral, sem restrição de modalidades.

III) Opinião sobre da EaD no Ensino Superior

Sobre a EaD no Ensino Superior, o discurso se alinha a perspectiva de que a modalidade é relevante para promoção e disseminação do ensino, especialmente quando o aspecto presencial é impeditivo para alunos de áreas distantes. Nesse sentido, apresentaram alguns motivos que justificam sua importância, a saber: a ampliação do acesso à educação; diminuição das distâncias para que ocorra a aprendizagem; interiorização do ensino com foco nos que estão impossibilitados de frequentá-lo; interação entre as pessoas no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA); e, ainda, por apresentar possibilidades de difusão do conhecimento no âmbito internacional. Apontam, também, o impacto do surgimento da EaD na educação por ser um avanço positivo no que diz respeito à flexibilização do trabalho docente em relação às práticas tradicionais.

Todos demonstraram concordar com a concretização da modalidade no Ensino Superior, e foi relatado que, embora surjam ideias negativas acerca da mesma, ela vai continuar se engajando cada vez mais no seu cotidiano.

IV) Concepções acerca do processo de ensino e aprendizagem em EaD.

O ensino e a aprendizagem concebidos como um processo dialético foi considerado pelos docentes de formas diversas, embora todos reconheçam a importância do domínio do processo para melhor interagir com a modalidade. Embora, expressem abertamente uma visão positiva da concretização da EaD, os docentes apresentaram também alguns aspectos negativos, especialmente quando reforçam que há uma postura restritiva da sociedade em relação a EaD, tendo em vista que questiona-se a efetividade e a qualidade do ensino mediado pelas TICs.

De forma geral, os argumentos giram em torno de que ainda existe dificuldade na concepção da EaD para a formação de algumas profissões, em que se recomenda o ensino presencial. Afirma-se que alguns aspectos da formação acadêmica precisam do envolvimento dos alunos no âmbito presencial e que a EaD ainda não atende algumas necessidades específicas de alguns cursos. Um dos motivos dessa dificuldade de visualizar a EaD em alguns cursos está envolvida na intensa autonomia do estudante, o que dificulta maior monitoramento dos resultados práticos de algumas atividades, bem como a possibilidade de manuseio inadequado das ferramentas, o que prejudicaria a consolidação do conhecimento sobre um determinado tema.

V) Domínio das Tecnologias Digitais

Acredita-se que o uso das TIC's na modalidade de EaD é um dos fatores que mais contribuem para a resistência dos docentes a um maior envolvimento com a modalidade. Por exemplo, os entrevistados relataram não possuir maior domínio da informática, inclusive por não terem realizado cursos de informática. Informaram que aprenderam ou lidam com as tecnologias diariamente, ou seja, o aprendizado ocorre no cotidiano, mediante a necessidade. Não há maior ênfase na formação docente sobre a necessidade de usar a tecnologia como mediadora do ensino e da aprendizagem, instituindo que o conhecimento de tecnologia no âmbito da informação é requerida como atribuição do docente. Aprende-se voluntariamente, sem que isto seja requisito de grades curriculares.

Diante da necessidade, os professores, na instituição, pedem auxílio ao Departamento de Tecnologia e Informação (DTI) da instituição. Reclamam que há falta de domínio e, conseqüentemente, maior dependência, há um impulso ao abandono do sistema

virtual, considerando-o trabalhoso. Diante dessa afirmação, fica evidenciado que as tecnologias trazem um “peso” a mais para alguns docentes e que o “abandono” como solução para incômodo da dependência é uma saída viável, ou seja, a docência existe para além do uso das tecnologias.

Embora os relatos girem em torno da “EaD” como um mundo paralelo ao ensino, um dos entrevistados apontou uma concepção divergente. Seu primeiro contato com as TIC’s foi em aulas de laboratório. O entrevistado demonstra a utilidade das tecnologias no momento em que estas lhe auxiliaram na preparação de aulas por intermédio de acesso à vídeos no youtube. Diante disso, indaga o motivo de existir maior dificuldade com as tecnologias, visto que elas podem incrementar o repertório docente, projetando novos portfólios para a assimilação do conhecimento. Nesse momento, constata-se o discurso das tecnologias como uma ferramenta que agrega ao “fazer” docente já instituído, não há um novo “fazer”, mas um mesmo “fazer” impregnado de uma nova “roupagem”.

Há uma institucionalização do uso de tecnologias no setor de lotação do docente, o que facilita uma maior apreensão das práticas no cotidiano e agrega uma nova significação do uso de novas ferramentas, bem como, novos modos de entender a atividade docente em si. O novo discurso elabora um panorama de EaD que reclama um novo docente, e, assim, o “ser” docente atende a um novo paradigma, pautado na transversalidade das tecnologias nas atividades cotidianas, incrementando o processo de ensino e da aprendizagem dos alunos e dos docentes, atores de um evento cíclico, em que todos são alimentados e retroalimentados pelo conhecimento compartilhado e interdependente, embora com reflexo em uma maior autonomia do aprendente.

Apesar da reflexão em torno de um novo paradigma, questiona-se a falta de tempo para a formação docente continuada, especialmente, pela intensa demanda dos cargos de gestão. A titulação dos entrevistados, também, fortalece a ideia de que os docentes estão “prontos” e isso dificulta o processo de formação continuada, pois entender o docente como aprendente ainda esbarra no estereótipo do docente como alguém com pleno domínio do conhecimento.

VI) Envolvimento com a modalidade de educação a distância na instituição pesquisada.

Os entrevistados possuem envolvimento com a EaD. Alguns, estão inseridos na modalidade desde o início da implantação do sistema na Universidade. O discurso caminha

no sentido de que a experiência concreta de ensino em cursos ofertados à distância proporcionou novas concepções sobre a relação EaD-Docência. Em geral, a aproximação se deu pela necessidade do curso, em relação à oferta de alguma disciplina e de algum docente específico, ou pelo incentivo da gestão do sistema EaD para que docentes se engajassem no planejamento e na atuação em programas geridos pelo sistema.

Os estímulos para a participação na EaD se deu por motivos variados, desde o relato de colegas em relação a experiência, a necessidade de profissionais, considerando o volume de trabalho. Alguns exemplos de envolvimento relatados: contato com docentes que participam do sistema EaD desde de sua concepção; atividades de gestão, no caso, a coordenação de cursos, acompanhamento e preparação de cursos; e a utilização de módulos de educação a distância pelo setor de lotação no ensino presencial. O quadro 2 expressa resumo das análises com suporte nas categorias de investigação.

Quadro 2. Percepções a relação das categorias de análise na resistência dos docentes

CATEGORIA	ANÁLISE
História de vida	Não foram evidenciados impactos diretos da história de vida dos docentes em relação à posição de resistência a EaD.
Vida profissional	A trajetória profissional dos docentes reflete envolvimento com a EaD, porém, como uma experiência nova e “desvinculada” da função docente na instituição. Há uma opção voluntária dos docentes em atuar na EaD, pois as atividades não fazem parte da carga horária obrigatória junto à instituição. Infere-se que a “dependência” tecnológica em virtude do pouco domínio das ferramentas de interação pode constituir fator de resistência, especialmente para o docente que não possui formação específica para fazer uso das tecnologias como mediadora do processo de ensino-aprendizagem.
Opinião sobre a EaD no ensino superior	De forma geral, os entrevistados apresentam argumentos que sustentam a importância da EaD na instituição, principalmente em relação a democratização do acesso ao ensino superior proporcionada pela ampliação de possibilidade de ingresso de alunos de áreas distantes. Além disso, alguns comentários introduzem a discussão do uso das tecnologias no âmbito do ensino presencial, o que situa a discussão da institucionalização da EaD como prática transversal na instituição.
Concepções sobre o processo de ensino-aprendizagem em EaD	Apesar de argumentos favoráveis, os discursos suscitam questionamentos sobre o processo em si, tendo em vista que há pouco conhecimento de como ele é organizado, de como ele é monitorado e como pode ser desenvolvido em contextos ainda pensados como unicamente presencial.
Domínio das Tecnologias Digitais	A falta de domínio da TIC é fator convencionado como produtor de resistências na EaD. Na pesquisa, além de identificar essa questão, foi possível levantar informações que sugerem que a experiência em EaD promove discussões em torno do “fazer” docente e do “ser” docente no sentido de elaboração de novos paradigmas, onde o sujeito docente é colocado na posição de formador e aprendiz, ao mesmo tempo.
Envolvimento com a EaD instituição pesquisada	Constata-se que quanto menos engajados com a EaD, mais resistências os docentes manifestam. Os pesquisados informam que a atuação na instituição é essencialmente presencial e que alguns projetos futuros incluem o uso das tecnologias no ensino presencial. Além disso, o envolvimento voluntários com os cursos ofertados na modalidade EaD é apontado como uma experiência rica e fruto de um comprometimento social e com o desenvolvimento da instituição.

Fonte: Dados da Pesquisa (2015)

Considerações Finais

O estudo teve como questão de pesquisa a compressão dos processos subjacentes às resistências docentes à EaD. Partiu-se de uma construção baseada em fatores da vida dos entrevistados, associados ao aspecto profissional, percepções sobre como os entrevistados se posicionam sobre o uso das TIC no Ensino Superior e o envolvimento na instituição de origem dos docentes, apreciando o domínio das TIC e a compreensão do processo de ensino-aprendizagem na EaD.

A pesquisa demonstrou a existência de resistências dos docentes na instituição pesquisada. Os motivos se aderem em grande parte às tecnologias. Há uma tendência em resistir enquanto novas visões não forem adquiridas.

Constatou-se também que a medida que a EaD vem se consolidando nas instituições, faz-se necessário que a organização obtenha métodos de suporte à equipe de profissionais envolvidos para que a adaptação organizacional possa ocorrer da melhor forma possível, assim, garantindo que os processos sejam realizados conforme o desejado.

De forma geral, o estudo sugere a existência de novas elaborações em torno da relação docência-ensino-aprendizagem, suscitadas pelas experiências na EaD, e que convergem para discussões em torno de mudanças na identidade docente. O número de entrevistados proporciona uma reflexão sobre o tema, sem maior generalização. Assim, outros estudos podem aprofundar a discussão de forma a contribuir com um novo discurso docente de forma que impacte a formação de professores com vistas a instituir novos processos de ensino-aprendizagem.

Referências

ALVES, L.; NOVA, C. **Educação à Distância: Limites e Possibilidades**. In: Educação à distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade. São Paulo: Futura, 2003, p. 5-27.

ARRUDA, E. P.; FREITAS, M. T. M. Educação a Distância na UFU: alguns percursos históricos e a implantação do curso de Pedagogia/UAB. In: ARRUDA, E. P. (Org.). **Educação a Distância no Brasil: a Pedagogia em foco**. Uberlândia: EDUFU, 2012.

BAUER; M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – Um manual prático**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BIZARRIA, F. P. de A. **Estratégias e Institucionalização no Enfrentamento da Evasão Escolar**

no Ensino a Distância à luz da Adaptação Estratégica em uma Instituição de Ensino Superior do Estado do Ceará. 2014. 153 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas)-Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2014.

BRZEZINSKI, I. **Perplexidades na formação de profissionais da educação frente a LDB n. 9394/96:** a (re) significação da formação do pedagogo. Brasília: UnB (mimeo), 1997.

CONCEIÇÃO S. C.; SILVA, B. D.; EUZÉBIO, M. S. P. **Representações Sociais de Docentes e Alunos sobre Educação a Distância on-line:** Resistência e/ou preconceito? In: Congresso Internacional de Avaliação Educacional, 2, p. 1256-1275.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. e colaboradores. **O planejamento da pesquisa qualitativa – Teorias e Abordagens.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Bookman, 2009.

FREEMAN, R. **Planejamento de sistemas de educação à distância:** Um manual para decisores. The Common wealth of Learning – COL. Vancouver, Canadá, 2003. Disponível em <<http://www.abed.org.br/col/planejamentosistemas.pdf>> Acesso em 30 ago. 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, M. T. M.; FRANCO, A. P. Os desafios de formar-se professor formador e autor na Educação a Distância. **Educ. rev.**, Curitiba , n. spe4, p. 149-172, 2014.

GONÇALVES, M. B. R. de O. A inserção da EaD em uma instituição de ensino convencional. In: LITTO, F. E.; FORMIGA, M. (Org.). **Educação a Distância.** O estado da arte. 2. ed. São Paulo: Person Education do Brasil, 2012. v. 2.

LANCILLOTTI, S. S. P. **A Constituição histórica do processo de trabalho docente.** 2008. 272 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

LOPES, L. F.; SILVA, J. M. de; SOPCHAKI, C. H. A organização do trabalho docente na EaD: Algumas considerações a partir de um estudo de caso. **18 Congresso Internacional de Educação a Distância.** Curitiba – PR, mai. 2012.

MACEDO, J. G.; PIMENTEL, L. G.; ANJOS, C. R. dos. Ensino de artes visuais e tecnologias contemporâneas: desafios e responsabilidades da formação docente na modalidade a distância. In: **Seminário Internacional de Educação a Distância,** UFMG, 2013.

MERRIAM, S. B. **Qualitative Research and Case Study Applications in Education.** San Francisco: Jossey-Bass Inc. Publishers, 1998.

MILL, D. Das inovações tecnológicas às inovações pedagógicas: considerações sobre o uso de tecnologias na Educação a Distância. In: MILL, D.; PIMENTEL, N. (Orgs.). **Educação a Distância:** desafios contemporâneos. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

MILL, D.; BRITTO, N. D. Estudo Sobre a aprendizagem da docência na educação a distância: uma análise da percepção dos professores. In: **Seminário Internacional de Educação a Distância**, UFMG, 2013.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papirus, 1997.

NUNES, I. B. A história da EaD no mundo. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. M. M. (Orgs). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson education do Brasil, 2009.

PAULILO, M. A. S. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço Social em Revista**, v. 2, n. 2: 135-148, 1999.

PRETI, O. **Educação a distância: fundamentos e políticas**. Cuiabá: UFMT, 2009.

RICHARDSON, R. J.; (Cols.). **Pesquisa Social – Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.
RIPA, R. O ensino superior e a educação a distância no Brasil: um breve itinerário. In: **Simpósio Internacional de Educação a distância no Brasil**, 2012, Universidade Federal de São Carlos, Anais...UFSCar: EnPeD, 2012.

RISSI, M. et. al. Conflitos Inter organizacionais em equipes que atuam com a Educação a Distância (EAD). **Revista Novas Tecnologias na educação**, v. 10, n. 3, p. 2-10, dez. 2012.

ROPOLI, E. **A importância do processo de formação para diminuir as resistências quanto ao uso de novas tecnologias** – Centro de Computação – UNICAMP – CCUEC Título 100, 17/03/2008.

ROPOLI, E. A; AMORIM, J. A. Resistência à educação nas instituições de ensino superior: gerenciamento dos impactos das mudanças. Descrição de projeto em andamento, Anais do 14^o **Congresso Internacional ABED de Educação a Distância**, 2008.

SACRISTÁN, J. Currículo e diversidade cultural: In: SILVA, T. T. da; MOREIRA, A. F. (org.). **Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 82-113.

SILVA, M. de L. R. da. **A complexidade inerente aos processos identitários docentes**. Notadum Libro 12. FEUSP/ Universidade do Porto, 2009, p. 45-58.

SILVERMAN, D. **Interpretação de Dados Qualitativos** – Métodos para análise de entrevistas, textos e interações. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Recebido em: 02 janeiro de 2016
Aceito em: 20 abril de 2016